

# Yama e Mara como representações da morte: contribuições para uma Tanatologia Religiosa budista

*Yama and Mara as representations of death:  
contributions to a Buddhist Religious Thanatology*

*Fernando Rodrigues de Souza*

## Resumo

A morte é uma preocupação evidente nas diversas religiosidades, incluindo o budismo, uma tradição de origem indiana que tem sua fundação atribuída a Siddhartha Gautama, o Buda histórico. Os textos canônicos da religião que mencionam sua busca pela iluminação relatam embates com um demônio chamado Mara, que, para os budistas, é o símbolo ou alegoria da morte. A vitória de Buda e a consequente iluminação apresentam aos religiosos o caminho que deve ser percorrido para vencer as ilusões da mente e a morte. Similarmente, Yama, o “Senhor da Morte”, é uma entidade presente em diferentes tradições do budismo, também oferecendo aos praticantes possibilidades de compreensão acerca do fim da vida e dos atributos que devem ser desenvolvidos para alcançar a libertação do ciclo de mortes e renascimentos. Assim, o presente artigo, realizado por meio de revisão de literatura, tem como objetivo analisar as figuras de Mara e Yama como símbolos da morte na religião budista, oferecendo contribuições para a tanatologia religiosa e trazendo esclarecimentos sobre como a simbologia budista pode contribuir para a vida dos praticantes e seu preparo físico e mental, através do desenvolvimento de condutas virtuosas, preparando-os para o momento da morte.

**Palavras-chave:** Budismo. Morte. Yama. Mara. Tanatologia.

## Abstract

Death is a clear concern in many religions, including Buddhism, a tradition of Indian origin that is attributed to Siddhartha Gautama, the historical Buddha. The religion's canonical texts that mention his search for enlightenment report battles with a demon called Mara, who, for Buddhists, is the symbol or allegory of death. Buddha's victory and consequent enlightenment show the religious the path that must be followed to overcome the illusions of the mind and death. Similarly, Yama, the “Lord of Death”, is an entity present in different traditions of Buddhism, also offering practitioners possibilities of understanding about the end of life and the attributes that must be developed to achieve liberation from the cycle of death and rebirth. Thus, this article,

carried out through a literature review, aims to analyze the figures of Mara and Yama as symbols of death in the Buddhist religion, offering contributions to religious thanatology and bringing clarifications on how Buddhist symbology can contribute to the lives of practitioners and their physical and mental preparation, through the development of virtuous behaviors, preparing them for the moment of death.

**Keywords:** Buddhism. Death. Yama. Mara. Thanatology.

## Introdução

A morte é uma preocupação presente nas mais diversas tradições religiosas na história da humanidade. Muitas civilizações organizaram ao redor de seus mitos e tradições rituais mortuários e de passagem, visando manter viva a memória e em alguns casos a vida espiritual em outro plano transcendente. Muitas dessas religiosidades que possuem a crença em uma realidade pós-morte partem de um pressuposto monoteísta ou politeísta, e a forma como o fiel se relaciona em vida com a(s) divindade(s) aponta como possivelmente será sua jornada após esta existência. Os mais conhecidos exemplos são os rituais de mumificação egípcios e a crença no paraíso celestial, presente no cristianismo e islamismo, cada qual com suas características e ênfases próprias.

Dentro do universo religioso existem tradições que não se dedicam às relações entre uma ou mais divindades e os seres humanos, como é o caso do budismo, caracterizado como uma religião não-teísta, ou seja, que não há conceito ou definição de deus eterno, onipotente, onisciente e onipresente, criador de tudo o que existe e que todas as coisas dependem dele. Mesmo não havendo a crença em um deus como nas tradições monoteístas ou politeístas, o budismo não nega a existência de divindades, mas assim como todos os seres sencientes, elas também estão sujeitas ao nascer, morrer e às vicissitudes da existência e do carma. Dessa forma, mesmo negando elementos comuns a diversas religiosidades, a cosmologia budista subentende a existência de diferentes reinos existenciais, onde os seres transmigram após a morte. Esses reinos, em número de seis, são: animais, devas, infernos, humanos, fantasmas famintos e demônios. Todos os seres, sejam imanentes ou transcendentos, como alguns Budas ou divindades, de acordo com suas ações em vida, após a morte renascem em diferentes formas e corpos, em quaisquer dos reinos supracitados.

Tomando como base a doutrina do ciclo de renascimentos (*samsara*), o budismo recomenda uma série de práticas virtuosas nos campos da ética, moralidade e religiosidade, visando a realização de boas ações (*carmas*) e méritos, que conduzem a renascimentos melhores, aproximando o praticante cada vez mais do estado de Buda (*nirvana*). Dessa forma, as noções do pós-morte e o renascimento seguinte tornam-se norteadores da conduta dos budistas, fazendo com que uma série de desenvolvimentos doutrinários ocorressem visando preparar o praticante para uma boa passagem, principalmente através de uma consciência tranquila nos últimos instantes da sua vida.

O lidar com a realidade da morte foi uma das preocupações centrais e o ponto de partida das reflexões realizadas por Siddharta Gautama, considerado o fundador do Budismo. Seus ensinamentos partiram de sua experiência com a doença e a morte,

realidades que causam desconforto, medo e angústia nos seres. Esses sentimentos são tidos como originados pela incorreta compreensão da realidade, gerando visões errôneas, causadoras de aversão (*dvesha*), ganância (*raga*) e ilusão (*moha*). Dessa forma, o praticante é estimulado ao desenvolvimento das características opostas aos três venenos mentais supracitados, como a ausência de ilusão (*mmoha*) ou sabedoria (*prajna*), desapego (*alobha*) ou generosidade (*dana*), ausência de ódio (*advesa*) ou bondade amorosa (*metta*).

Durante o desenvolvimento doutrinário do budismo, ocasionado por sua expansão de debates monásticos acerca dos discursos (*suttas*), código monástico (*vinaya*) e doutrina filosófica (*abhidharma*), uma série de conceitos e simbolismo passaram a vigorar dentro do budismo. A morte, passou a ser representada por *Mara* e *Yama*, dois seres que em diversos relatos tinham o objetivo de impedir a realização de Buda. Outras literaturas além dos *suttas*, como o *Dhammapada* e o comentário *Jataka* mencionam esses seres, que já eram conhecidos em doutrinas indianas anteriores ao budismo.

Dessa forma, a simbologia desses dois seres pode ser vista como uma forma de contribuição acerca da compreensão da morte, partindo da ótica do budismo. Diante disso, o presente artigo pretende analisar a tanatologia religiosa budista, com foco em *Mara* e *Yama* como representações simbólicas da morte, contribuindo para o debate com fundamentos críticos que apresentem a importância do simbolismo da morte nas tradições budistas.

## 1. A realidade da morte como início da doutrina budista

Doença e morte foi o ponto inicial das reflexões realizadas por Siddharta Gautama, também conhecido como Sakyamuni, o Buda histórico. Os relatos da tradição mencionam que aos 29 anos, após uma vida de luxo na república oligárquica de Kapilavastu, Siddharta, que até aquele momento não havia tido contato com as mazelas e problemas da vida, graças aos esforços de seu pai Suddhodhana, que buscava evitar que o filho desenvolvesse qualquer interesse pelas questões da vida humana e assim, desejasse tornar-se um religioso, como houvera avisado os oráculos após o nascimento de Siddharta, decidiu perambular pelas regiões além dos limites de sua residência.

Acompanhado por seu cocheiro, Siddharta encontrou durante o caminho um idoso, uma pessoa doente, um cortejo funerário e, por último, um brâmane de semblante pacífico. Essas visões, conhecidas como “as quatro visões”, são vistas como cerne do problema constatado pela doutrina budista. Após o impacto que tais encontros causaram na vida de Siddharta, ele decidiu abandonar sua vida e seguir na busca pela superação da inquietação que sentia. Em sânscrito, chama-se *dukkha*,<sup>1</sup> ou seja, uma forma de sofrimento comum a todos os seres sencientes, que conduz à insatisfação e a sensação de desajuste e inquietação diante da realidade fenomenológica experienciada. Em outras palavras, “eles são nascimento, velhice, doença, morte, associação com o que não é apreciado, dissociação do

---

<sup>1</sup> Dukkha é empregado como um adjetivo, não como um substantivo, denotando “doloroso”, “capaz de causar dor” ou “insatisfatório” (GOKHALE, P. P., *Buddhist Perspectives on Death*).

que é apreciado e, finalmente, os cinco agregados de apego”.<sup>2</sup>

Durante os seis anos seguintes, Siddharta praticou sob os cuidados e recomendações de professores iogues e brâmanes, mas não encontrou as respostas necessárias para as perguntas que o inquietavam. Após abandonar seus professores, seguiu por um caminho de prática individual e após um período de meditação, alcançou a iluminação, ou seja, um estado mental pacífico, de plena atenção e sabedoria. Nos anos seguintes dedicou-se à pregação pública de sua doutrina. Seu primeiro discurso público ficou conhecido “As Quatro Nobre Verdades”, registrado pela tradição no *Dhammacakkappavattana-sutta*, uma constatação da origem e cessação do sofrimento, tendo como objetivo fornecer o caminho para que o adepto da doutrina possa superá-lo através do desenvolvimento de uma série de qualidades éticas, morais e intelectuais, conhecidas como “Nobre Caminho Óctuplo”, ou seja, “a compreensão, o pensamento, a fala, a ação, o meio de vida, o esforço, a atenção plena e a concentração”.<sup>3</sup>

Para Siddharta Gautama, o Buda, a doença, a velhice e a morte só seriam possíveis de superação por um conjunto de práticas religiosas, éticas, morais e intelectuais. O método budista consiste em oferecer ao praticante as ferramentas necessárias para essa realização, independente da forma ou tradição onde essa religião se desenvolveu. Em todas as suas formas o Buda desenvolveu práticas para que os seres humanos pudessem se familiarizar com a realidade da morte, incluindo a *asubhabhāvanā* (meditação sobre a impureza) e a *marañānussati* (contemplação da morte). A *asubhabhāvanā* envolvia concentrar a atenção em cadáveres em vários estágios de deterioração, permitindo assim a familiarização com as diferentes manifestações da morte. Da mesma forma, a *marañānussati* consistia na contemplação das características da morte.<sup>4</sup> Portanto, a análise sobre a morte foi uma das preocupações centrais do Buda. Seus seguidores também mantiveram essa preocupação em diferentes níveis. Muitas dessas práticas influenciaram posturas religiosas e políticas de agentes budistas na história, como veremos adiante.

A importância do cultivo de boas ações durante a vida, são fundamentais para os budistas, com o intuito de evitar que nos últimos momentos da vida, a angústia por ações anteriores possa causar um estado de confusão, insatisfação ou tristeza, que podem ser compreendidos como formas de conduzir ao mau renascimento do fiel. Para isso, muitas práticas foram introduzidas com o intuito de conduzir o adepto a uma morte tranquila. Mencionamos a recitação de mantras aos ouvidos de pessoas em estágio final, como no budismo chinês, ou a utilização das pinturas *raigô*, no Japão, cujo objetivo era despertar a fé e a consciência do renascimento e da salvação garantida por um Buda chamado Amida.<sup>5</sup>

Inicialmente, os relatos religiosos, organizados como indícios de tradições advindas dos discursos de Buda, não faziam menção ao demônio Mara ou Yama. Aparentemente não era uma preocupação inicial dos budistas a ênfase nas descrições detalhadas de como se deram os processos intelectuais na mente de Buda, ou a sua relação e superação da morte. No entanto, em descrições posteriores, quando a religiosidade passa a considerar a morte como aspecto fundamental no processo de superação e libertação

<sup>2</sup> GOKHALE, P. P., *Buddhist Perspectives on Death*, p. 38.

<sup>3</sup> DA SILVA, A. C., *A morte e o morrer*, p. 50.

<sup>4</sup> GOKHALE, P. P., *Buddhist Perspectives on Death*.

<sup>5</sup> SOUZA, F. R., *A arte da Terra Pura*.

(*moksha*) proposto por Buda, alguns *suttas* indianos surgem trazendo Mara em diversas formas e situações, em seus embates com Siddharta Gautama, diante da árvore *Bodhi*.

## 2. Mara e Yama como símbolos da morte

No pensamento budista antigo, duas divindades, Mara e Yama, estão ligadas à morte. Mara, cujo nome significa “morte”, é visto como uma divindade tortuosa, cuja principal missão é defender o prazer sensual e desencorajar a renúncia. No entanto, uma vez reconhecido, seu poder é perdido. Yama, o Senhor da Morte, incorpora a consciência e lembra os malfeitores de suas más ações passadas, enfatizando a retribuição cármica. Uma diferença substancial entre ambos está na noção religiosa de que Mara perde poder com o reconhecimento, enquanto Yama não permite escape. Ou seja, essas divindades representam aspectos complementares da visão budista sobre a morte: Yama traz a seriedade das consequências das ações, enquanto Mara representa o medo da morte, que perde seu poder quando confrontado com consciência.<sup>6</sup>

Para Arruda, o demônio Mara é uma representação simbólica da união dos venenos mentais (aversão, ganância e ilusão). Ou seja, “Mara não é uma entidade; É a perigosa agregação dos venenos das nossas mentes. Cada um de nós tem uma Mara latente em nossa mente e controlá-la é nossa tarefa”.<sup>7</sup> Essa noção de Mara enquanto símbolo parece estar consonante com a tradição indiana e sua construção religiosa mais tardia, tendo em vista que, como supracitado, nos primeiros *suttas* não havia a menção do demônio durante o período pré-iluminação de Siddharta Gautama, enquanto sob a árvore *bodhi*.

No entanto, a história de Mara tem se mostrado plural, com diferentes textos apontando histórias distintas. Em narrativas recentes, cinco formas de Mara são mencionadas, enquanto em outras fontes, Mara pode ser visto como uma, três ou quatro entidades distintas. Nos textos mais antigos, Mara é associado à existência mundana e ao ciclo de renascimento, em contraste com o Nirvana. Comentários que discutem Mara frequentemente mencionam três formas específicas: *Devaputtamara*, *Maccumara* e *Kilesamara*. Quando se fala em quatro formas de Mara, são geralmente os cinco Maras mencionados nas narrativas recentes, excluindo *Devaputta Mara*.<sup>8</sup>

Mara também pode se referir a uma divindade antropomórfica governando um céu na esfera sensual, conhecido como *Paranimmitta-Vasavatti*, que é poderoso e se empenha em dificultar a vida das pessoas sagradas. Mara também pode ser mencionado no plural, referindo-se a uma classe de divindades potentes, e também pode ser entendido como uma personificação da morte.

A busca budista pela libertação enfatiza escapar do fenômeno da morte, que implica o renascimento, com toda a existência caindo dentro do reino de Mara devido à presença inevitável da morte. Outra possibilidade interpretativa é Mara como uma alegorização do poder da tentação, tendência ao mal e conflito moral, semelhante a figuras como Satanás no pensamento judaico-cristão e Ahriman no pensamento avéstico. Este Mara é descrito como sendo o Maligno, a Calúnia, etc. Ele também é visto como o príncipe e doador de

<sup>6</sup> ANALAYO, B., Memento Mori.

<sup>7</sup> ARRUDA, R., Conceitos Budistas de Raíz na linguagem de hoje, p. 138.

<sup>8</sup> GURUGE, A. W. P., The Buddha's Encounters with Māra the Tempter.

toda a luxúria mundana, diferindo de Lúcifer da Bíblia por sua presença sempre aparente.<sup>9</sup>

Mara é considerado como símbolo da “tentação no Budismo, representada nas escrituras como uma deidade de má índole que tenta desviar as pessoas do caminho da libertação. Os comentários apresentam Mara como o deus das forças malignas, como obstrutor mental e como morte”.<sup>10</sup> Em outras palavras, Mara é uma força que opera em oposição ao que é saudável e bom na vida, o oposto da iluminação.

A biografia do Buda destaca as tentações de Mara em momentos cruciais de sua jornada espiritual, conforme identificados na introdução ao Comentário *Jataka*. Estes incluem Mara tentando persuadir o futuro Buda a desistir de sua busca espiritual no momento da renúncia, durante o período de austeridade quando o futuro Buda estava frágil, na véspera da obtenção da iluminação desafiando seu direito ao assento sob a árvore, e na quarta semana após a iluminação, quando tentou desencorajá-lo de ensinar aos outros, sendo impedido por suas três filhas Tanha, Arati e Raga.<sup>11</sup>

Siddhartha Gautama fez um voto de não se levantar até alcançar a iluminação, enquanto Mara, o Rei demônio das Paixões, tentou desviá-lo com suas tentações. Para alcançar seu objetivo, primeiramente Mara enviou suas filhas. Um relato está registrado no *Maradhitu Sutta* (SN IV.25) e menciona o discurso entre o demônio e elas: “O Arahant, o Abençoado no mundo, não é atraído facilmente através da cobiça. Ele foi além do reino de Mara: por isso souro tão amargamente.” As palavras de Mara demonstram a sua frustração e a vitória de Buda sobre aquilo que seria característico de uma mente ilusória, egocêntrica, irada e gananciosa. Em uma última tentativa, suas filhas tentam seduzir o Buda, aparecendo cada uma em forma de cem virgens. O resultado do encontro é expresso ao final do texto: “Elas vieram até ele com a beleza deslumbrante – Tanha, Arati e Raga – mas o Mestre as varreu ali mesmo, tal qual o vento varre um tufo de algodão caído” (SN IV.25), marcando assim a derrota de Mara e suas filhas.

Depois, o encontro se deu entre seu exército de demônios e Siddhartha, mas o monge permaneceu inabalável. Até mesmo redemoinhos e terremotos não o afetaram. Aqui entendemos que o relato simbólico menciona calamidades naturais com o intuito de demonstrar o medo que tentava assolar a mente de Gautama e não acontecimentos geológicos e de ordem ambiental. Por fim, quando Mara exigiu prova de sua dignidade, Siddhartha tocou a terra, que testemunhou sua iluminação. Sua mente ficou clara e ele alcançou a paz interior. Mesmo diante de chuvas torrenciais, ele permaneceu concentrado, alcançando a iluminação perfeita após quarenta e nove dias de meditação.<sup>12</sup>

As lendas de Mara nos textos canônicos estabelecem que a alegorização das tentações surgiu cedo no budismo. A imagem de Mara personificada com seu exército e três filhas pode ter se originado com o próprio Buda, resumindo as tentações enfrentadas pelos discípulos. Embora perpetuadas na poesia, essas histórias não foram interpretadas literalmente. A vitória do Buda sobre Mara é vista como uma verdade simbólica, não literal, mesmo entre os budistas menos informados.<sup>13</sup> As tentações de Mara, como

<sup>9</sup> GURUGE, A. W. P., *The Buddha's Encounters with Māra the Tempter*.

<sup>10</sup> BUDDHARAKKHITA, A., *Dhammapada*. p. 139.

<sup>11</sup> GURUGE, A. W. P., *The Buddha's Encounters with Māra the Tempter*.

<sup>12</sup> GURUGE, A. W. P., *The Buddha's Encounters with Māra the Tempter*.

<sup>13</sup> GURUGE, A. W. P., *The Buddha's Encounters with Māra the Tempter*.

representações alegóricas do tormento mental e conflito enfrentados pelo Buda e seus discípulos, são tão antigas quanto o próprio budismo, possivelmente originadas nas expressões poéticas do Buda. Embora os primeiros compiladores da vida do Buda não tenham tratado sistematicamente essas tentações, eventos como a Grande Partida e a Vitória sobre Mara ganharam destaque na literatura e arte budistas. A diversidade na representação de Mara enriqueceu a criatividade literária e artística, mostrando uma mudança marcante na concepção de Mara ao longo da disseminação da cultura budista. Esta análise focou nos encontros de Mara com o Buda que envolvem tentação, deixando outros aspectos de Mara, como *Devaputta* e personificação da morte, para futuras análises.<sup>14</sup>

Ao lado de Mara, outra entidade espiritual do budismo, vista como alegoria da morte, é Yama. Sua origem remonta ao mito do dilúvio indo-iraniano, é o herói central desse conto enraizado na mitologia indo-europeia. O mito revela a crença compartilhada de que a humanidade teve dois progenitores: o primeiro, Yemos, e seu irmão, Manu. A partir do sacrifício desses progenitores, o ciclo de nascimento e morte é estabelecido. O nome Yemo evolui para Yama nos textos religiosos védicos e para Yima no Avesta zoroastriano. Tanto Yama quanto Yima são associados ao submundo e ao julgamento após a morte em várias tradições religiosas indo-iranianas. Posteriormente, essa figura também será introduzida nas tradições budistas da China, Japão, Coreia e Vietnã, onde está ligada ao ciclo cármico e ao renascimento.<sup>15</sup>

Na mitologia hindu, Yama é considerado o chefe da raça humana e é associado a várias características e funções importantes. Ele é adorado como um deus, tido como o primeiro homem a morrer e o progenitor da humanidade. Yama é também conhecido como o rei dos mortos e do submundo, governando o inferno e a direção sul. Seu nome, conceitualmente ligado a “morte”, está conectado ao mito do sacrifício que deu origem ao ciclo de nascimento e morte. No *Rig Veda*, é descrito como o primeiro imortal a escolher a morte, abrindo o caminho para o mundo celestial. Durante as cerimônias funerárias, Yama é invocado para liderar os mortos em direção ao céu. Na tradição hindu, Manu é um dos progenitores da humanidade e é associado à história do dilúvio, onde é instruído por Matsya, uma encarnação do deus Vishnu, a construir um barco para sobreviver à catástrofe. Esses mitos enfatizam a importância de Yama e Manu na origem e destino da humanidade.<sup>16</sup>

Na tradição zoroastriana, Yama/Yima desempenha papéis diversos e se desenvolve de várias maneiras. Ele é considerado o primeiro rei e fundador da civilização, associado à criação da humanidade a partir do primeiro homem, Gaiiō Marətan.

Yima é reverenciado como o protetor e salvador nas escrituras, sendo considerado o “mais glorioso dos mortais”. Ele é creditado com numerosas invenções e celebrações importantes, como o Ano Novo, que destaca sua posição como uma figura venerável. Como governante, ele é responsável pelo fim do mundo, conforme descrito nos textos zoroastrianos, construindo um refúgio celestial para proteger os escolhidos durante uma catástrofe iminente. Sua história inclui elementos compartilhados com outros mitos indo-iranianos e reflete temas universais, como superpopulação e renovação da terra.

---

<sup>14</sup> GURUGE, A. W. P., The Buddha's Encounters with Māra the Tempter.

<sup>15</sup> ARA, M., The Evolution of Yama According to the Classical Religious Texts.

<sup>16</sup> ARA, M., The Evolution of Yama According to the Classical Religious Texts.

Dessa forma, Yama é uma figura central na mitologia zoroastriana, representando tanto a grandeza como a responsabilidade do poder real. O seu reino é comparado ao céu védico, retratado como um lugar brilhante e livre de doenças e morte. Essa visão idílica é compartilhada em muitas histórias antigas de dilúvio do Oriente Próximo, que seguem um padrão semelhante: um deus se decepciona com a humanidade, decidindo destruí-la com uma inundação catastrófica. Em seguida, um herói é então instruído a construir uma arca para salvar a si, sua família e os melhores seres vivos. Essas histórias antigas, profundamente enraizadas no período indo-iraniano, demonstram a existência de um mito ancestral que pode ter sido influenciado por culturas vizinhas, como a Mesopotâmia, e vice-versa.<sup>17</sup>

A absorção de Yama pelo budismo se manifesta de diversas formas na literatura e nas imagens. Yama segue um caminho canônico complexo desde antes dos Vedas até os Sutras e Tantras budistas. O budismo adaptou Yama, transformando seu simbolismo e características para se adequar ao seu sistema. Sua transformação vai desde um rei que governa os mortos até um *bodhisattva* que busca ajudar os seres a escapar da existência degenerativa, e até mesmo um juiz burocrata com menos soberania do que em seus primórdios. No entanto, o budismo não abandona completamente suas representações visuais anteriores, permitindo uma interpretação e reflexão mais amplas sobre essa divindade.<sup>18</sup>

As principais representações de Yama é como dharmapala, dharmaraja (juiz dos mortos; sendo mais uma testemunha das consequências das ações, dos que um juiz propriamente dito), mas ele aparece também como deva monstruoso que representa o processo degenerativo da morte e impermanência, significado que permeia também as outras representações.<sup>19</sup>

Na tradição budista, há uma adaptação deliberada do simbolismo iconográfico de Yama, originalmente presente na tradição hindu. Essa mudança tem o objetivo estratégico de aumentar a afiliação por meio da conversão, incorporando conceitos deíficos familiares enquanto demonstra a superioridade do budismo sobre o hinduísmo. Desde os primórdios do budismo, vemos a presença de assistentes ou protetores, como Indra e Brahma, nas narrativas e na arte visual, auxiliando o Buda e legitimando seu status de “desperto”. Essa estratégia de adaptação continua e se expande com o surgimento do budismo tântrico.<sup>20</sup>

No século VIII d.e.c., o rei Trisong Detsen do Tibete convocou o mestre tântrico Padmasambhava para subjugar divindades malignas que se opunham ao budismo. Essas divindades foram conquistadas, exceto aquelas que juraram se tornar defensores da lei. Padmasambhava recrutou esses protetores para o panteão budista, conhecidos como os “Oito Terríveis”, que lutam contra demônios e inimigos do budismo. Yama, anteriormente um *dikpala*,<sup>21</sup> é agora considerado um *dharmapala*, mantendo sua feroz aparência como protetor no panteão budista tântrico.<sup>22</sup>

<sup>17</sup> ARA, M., The Evolution of Yama According to the Classical Religious Texts.

<sup>18</sup> SAWAYA, M. A.; RENDERS, H., Cultura visual budista.

<sup>19</sup> SAWAYA, M. A.; RENDERS, H., Cultura visual budista, p. 547-548.

<sup>20</sup> ZULASKI, J., Lord of Death, Yogin, Demon.

<sup>21</sup> Guardiões das Direções. No hinduísmo existe a crença em oito divindades mencionadas junto com suas respectivas cidades. Yama, o Deus da Justiça e da Morte é o guardião da direção Sul, permanecendo em Samyamini.

<sup>22</sup> ZULASKI, J., Lord of Death, Yogin, Demon.



### 3. Pensando contribuições para uma tanatologia religiosa budista

A proposta de uma Tanatologia Religiosa é encabeçada por Henriques e Gnerre como forma de contribuir para os estudos e a criação de uma disciplina específica na área das Ciências da Religião. Sendo o morrer uma verdade presente nos discursos religiosos, os estudos específicos envolvendo os processos mentais, biológicos, sociais e religiosos podem fornecer contribuições para a compreensão da morte nas diferentes camadas da existência. Como apontam os autores sobre a tanatologia religiosa, trata-se de uma “expressão cunhada para designar os aspectos e elementos religiosos presentes no processo do morrer, do primeiro ao último estágio”<sup>23</sup>. Sobre o objeto dessa disciplina, Henriques e Gnerre apontam que “na Tanatologia Religiosa há que se levar em conta os mitos, sobre os quais desenvolveram-se crenças e ideias acerca da morte”.<sup>24</sup>

A Tanatologia Religiosa budista está situada nos discursos acerca do carma e sua relação com o renascimento pós-morte, dentro do *samsara*, e o objetivo final de todo praticante, a libertação desse ciclo. O momento da morte do praticante budista é marcado pelo surgimento de uma consciência chamada “*cuticitta* (consciência da morte), que imediatamente dá origem à próxima consciência chamada *paṭisandhicitta* (consciência de ligação ao nascimento) que determina o renascimento”<sup>25</sup>. O surgimento de *cuticitta* está no centro da reflexão budista, pois é nesse estágio que o praticante entrará em um estado de reflexão acerca de suas ações realizadas em vida. Se as más ações foram algo que o marcou, os pensamentos naquele momento o levarão a um estado mental desesperador, que influenciará sua *paṭisandhicitta*.

As figuras de Yama e Mara oferecem subsídios para a cosmovisão budista acerca da vida, morte e do seu lugar no mundo. A imagem bastante popularizada da “Roda de Samsara”, tendo o demônio Mara como a sustentando, pode servir como recurso para o praticante compreender a realidade do sofrimento e da morte como inerente ao viver dentro dos seis reinos e seus renascimentos.

Outras representações, como as de Yama, caracterizadas pela aparência assustadora da entidade, podem criar no observador a noção da urgência em suas práticas, diante da morte que pode alcançá-lo brevemente. Dessa forma, as duas entidades, expressas nas artes e na mitologia budista, chamam para si a responsabilidade dos praticantes com o problema do sofrimento, da doença e da morte, como realidades que precisam ser encaradas e superadas, pois ambos também surgem e são vistos como oposição ao Buda, o estado que os praticantes almejam alcançar. Assim, além de expressar tais noções, Yama e Mara são um lembrete constante de que algo precisa ser realizado, para que a morte seja enfrentada com maior responsabilidade, não apenas como algo a ser encarado, pois até mesmo o Buda em sua vida os encarou.

Um dilema que o budismo pode enfrentar, ocasionado por uma possível incorreta

---

<sup>23</sup> HENRIQUES, A. C. V.; GNERRE, M. L. A., Por uma tanatologia religiosa a partir das múltiplas perspectivas da morte e do morrer, p. 92.

<sup>24</sup> HENRIQUES, A. C. V.; GNERRE, M. L. A., Por uma tanatologia religiosa a partir das múltiplas perspectivas da morte e do morrer, p. 81.

<sup>25</sup> GOKHALE, P. P., *Buddhist Perspectives on Death*, p. 39.

compreensão dos seus ensinamentos e de determinadas condutas de religiosos durante a história, ao lidar com ensinamentos de Buda, compreendidos como “desapego”, alguns praticantes podem levar o suposto ensinamento a condutas drásticas.

Vale ressaltar que, aquilo que pode ser equiparado a uma suposta defesa ao desapego de algo, não diz necessariamente à própria vida. Os ensinamentos budistas são claros quanto ao respeito pelo próprio corpo e, conseqüentemente, à conservação da vida. Condutas éticas nos relacionamentos interpessoais, as práticas de *sila* e *ahimsa* são estimuladas pelos budistas, bem como aquelas que visam nutrir respeitosamente o corpo, como jejuns, dietas vegetarianas e que respeitam a vida animal, conduta sexual respeitosa, abstenção de substâncias tóxicas, etc., tudo isso para que o praticante possa ter uma vida longa, pois tendo mais tempo de existência, com o corpo gozando de boa saúde, poderá ter mais possibilidades de gerar bons carmas para si e para os outros, adquirindo um melhor renascimento e conduzindo os outros positivamente em suas vidas.

Dessa forma, o “desapego”, sob o ponto de vista budista, está ligado a uma postura mental de relação ao materialismo, causador de vícios e decepções que culminam no sofrimento e insatisfação, pois é comumente sabido que a realização plena material é inalcançável e geradora de frustrações entre os seres.

De toda forma, essas convicções motivaram muitos religiosos a adotarem atitudes que podem ser consideradas suicídios. Durante a Guerra do Vietnã e a posterior ocupação chinesa do Tibete, monges budistas, como Thich Quang Duc e outros vietnamitas, além de tibetanos, realizaram atos de autoimolação em protesto. Essas ações provocaram reações variadas entre os líderes budistas: Thich Nhat Hanh as considerou expressões do sofrimento para despertar a consciência dos outros, enquanto o Dalai Lama não as incentivava.<sup>26</sup>

Algumas observações devem ser feitas sobre os posicionamentos dos líderes religiosos sobre a questão do suicídio. O vietnamita Thich Nhat Hanh, ficou bastante conhecido por sua postura durante o processo político no Vietnã, adotando uma postura antiguerra, ao mesmo tempo, em que preconizava a não-adesão aos partidos políticos como sendo uma condição *sine qua non* para ser ativamente político, ou seja, para o monge, os religiosos budistas deveriam atuar politicamente sem vínculos partidários.

Thich Nhat Hanh ficou bastante conhecido no Ocidente por encabeçar o movimento que ficou conhecido como “Budismo engajado”, uma forma de engajar os religiosos budistas em questões políticas e sociais, tomando como base os ensinamentos de Buda, sem necessariamente aderir à política partidária. Essa postura relacional com a política parece justificar a visão que o monge apresentou sobre os atos de autoimolação de religiosos budistas no Vietnã. Em contrapartida, o Dalai Lama parte de um princípio religioso humanista, colocando de lado a especulação e a participação política em tais atos. Tomando como conduta os pressupostos do budismo, a autoimolação e o suicídio foram desencorajados pelo monge. Então, dependendo do referencial que seja utilizado, alguns budistas podem encontrar abertura para atos que tradicionalmente são desestimulados ou proibidos pela religião.

Apesar dos dilemas encontrados pelos religiosos nas questões que envolvem a autoimolação e o suicídio, o foco do método budista está na estimulação do

<sup>26</sup> GOKHALE, P. P., Buddhist Perspectives on Death.

desenvolvimento das virtudes no adepto, de modo a estimular o trabalho durante a vida para desenvolver os aspectos positivos nos âmbitos da moralidade e da ética, exercitando a caridade, a virtude, a benevolência em relação aos seres e o respeito a si próprio, pois “o comportamento virtuoso não apenas gera uma boa vida, mas também traz deliberadamente uma boa vida após a morte, referindo-se, em última análise, à libertação”.<sup>27</sup> Só assim, o praticante prosseguirá no *continuum* objetivando melhores renascimentos, causas e condições que o permitam alcançar a libertação das garras de Yama, saindo do fluxo de renascimentos abarcados em Mara.

## Conclusão

A morte é uma temática abordada pelos budistas em diversas épocas. As primeiras menções aparecem nos *suttas* que relatam o processo enfrentado por Siddharta Gautama, em sua busca pela iluminação. As diversas narrativas mencionam seus embates contra as forças da natureza, mas também contra o demônio Mara, uma entidade que para os budistas é o símbolo de diversas características mentais, principalmente dos venenos mentais, mas também da morte.

Além dos textos da tradição, as artes também se propuseram a demonstrar Mara como o possuidor do *samsara*, o ciclo de renascimentos na crença budista. Dessa forma, os religiosos compreendem a ilusão acerca dos fenômenos como aquilo que os impede de alcançar a iluminação e conseqüentemente o *moksha*, ou seja, a liberação dos renascimentos, saindo assim do aprisionamento de Mara, que como representação da morte domina os seis reinos. Aquele que alcança a iluminação, vence a ilusão e a morte nos seis reinos, ambos representados pelo demônio Mara.

Semelhantemente, Yama, o senhor da morte, apresenta-se como símbolo polissêmico. Sua história é anterior ao seu aparecimento no budismo, estando presente em outras religiões orientais, como no hinduísmo e zoroastrismo. Há um complexo processo de assimilação pelos budistas, e após sua inserção na religião, suas características também passaram por mudanças, estando ainda abertas a possibilidades interpretativas para aqueles que se deparam com o símbolo. De toda forma, o “Senhor da Morte”, como é conhecido Yama, é visto pelos budistas *mahayana*, sobretudo os adeptos do tantrismo, como um guardião, apesar de sua iconografia representa-lo com feições iradas.

Além disso, Mara e Yama enquanto representações simbólicas também podem oferecer à tanatologia religiosa contribuições para a compreensão acerca do fenômeno da morte na espiritualidade budista e sobre como os adeptos da tradição se relacionam com essa realidade, desenvolvendo qualidades durante a vida, que conduzem um melhor estado mental preparativo para o momento da morte, encarando-a da melhor maneira possível, objetivando a superação da confusão mental, esclarecendo suas compreensões acerca da talidade da existência e preparando-se para um melhor renascimento.

## Referências bibliográficas

ANALAYO, Bhikku. Memento Mori: Recollection of Death in Early Buddhist

<sup>27</sup> CHENG, F. K., Buddhist Insights into Life and Death, p. 77.

Meditation. In: K. SHEEL, Kamal; WILLEMEN, Charles; ZYSK, Kenneth (Eds.). **From Local to Global: Papers in Asian History and Culture**. Delhi: Buddhist World Press, 2017. p. 581-599.

ARA, Mitra. The Evolution of Yama According to the Classical Religious Texts. **Journal of Modern Education Review**, v. 9, n. 6, p. 399-408, 2019.

ARRUDA, Roberto. **Conceitos Budistas de Raíz na linguagem de hoje**. 3ª ed. São Paulo: Terra à Vista, 2023.

BUDDHARAKKHITA, Acharya. **Dhammapada: O Caminho da Sabedoria do Buddha**. Portugal: Publicações Mosteiro Budista Theravada, 2013.

CHENG, Fung Kei. Buddhist Insights into Life and Death: Overcoming Death Anxiety. **Athens Journal of Social Sciences**, v. 4, n. 1, p. 67-88, 2017.

DA SILVA, Ana Cleide. **A morte e o morrer: significados e implicações no viver de servidores da UFPE – um olhar integral à luz da formação humana**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

GOKHALE, Pradeep. P. Buddhist Perspectives on Death. **RUDN Journal of Philosophy**, v. 28, n. 1, p. 37-46, 2024.

GURUGE, Ananda W. P. **The Buddha's Encounters with Māra the Tempter: Their Representation in Literature and Art**. Kandy: Buddhist Publication Society, 1997.

HENRIQUES, Ana Candida Vieira; GNERRE, Maria Lúcia Abaurre. Por uma tanatologia religiosa a partir das múltiplas perspectivas da morte e do morrer. **Paralellus**, v. 8, n. 17, p. 73–95, 2017.

SAWAYA, Maximiliano Augusto; RENDERS, Helmut. Cultura visual budista: as mudanças da iconografia de Yama e seus significados. **Estudos de Religião**, v. 34, n. 2, p. 543-568, 2020.

SOUZA, F. R. A arte da Terra Pura: Taima Mandala e Raigō como dispositivos da fé no Japão medieval. In: **XI Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás**, 2023, Goiânia. XI Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás / Caderno de Resumos. Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, Goiás, 2023. 310 p. Goiânia, 2023. v. 5. p. 309-310.

ZULASKI, Jeremie. Lord of Death, Yogin, Demon: Tracing the Iconographic Symbolism of Yama from the Rig Veda into Tibetan Buddhism. **Research Gate**, 2017. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/366445773\\_Lord\\_of\\_Death\\_Yogin\\_Demon\\_Tracing\\_the\\_Iconographic\\_Symbolism\\_of\\_Yama\\_from\\_the\\_Rig\\_Veda\\_into\\_Tibetan\\_Buddhism](https://www.researchgate.net/publication/366445773_Lord_of_Death_Yogin_Demon_Tracing_the_Iconographic_Symbolism_of_Yama_from_the_Rig_Veda_into_Tibetan_Buddhism)>. Acesso em 07 jun 2024.

***Fernando Rodrigues de Souza***

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe

Aracaju / SE – Brasil

E-mail: fernandordesouza@yahoo.com

Recebido em: 16/06/2024

Aprovado em: 20/12/2024